



“Não peço que os tires
do mundo, e sim que
os guardes do mal.”
– João 17.15

Michael Scott Horton

O CRISTÃO E A CULTURA



Uma perspectiva
cristã da cultura e
de nosso lugar nela



3ª edição

O *cristão e a cultura* © 1998 Editora Cultura Cristã. Publicado em inglês com o título *Where in the world is the church?* © 2002, by Michael Horton, por Presbyterian and Reformed Publishing Company, 1102 Marble Road, P. O. Box 817, Phillipsburg, New Jersey, 08865, USA. Todos os direitos são reservados. São proibidas reproduções por qualquer meio que seja.

1ª edição 1998 – 3.000 exemplares

2ª edição 2006 – 3.000 exemplares

3ª edição 2018 – 3.000 exemplares

Conselho Editorial

Antônio Coine
Carlos Henrique Machado
Cláudio Marra (*Presidente*)
Filipe Fontes
Heber Carlos de Campos Jr
Marcos André Marques
Misael Batista do Nascimento
Tarcízio José de Fr

Produção Editorial

Tradução
Elizabeth Stowell Charles Gomes
Revisão
Claudete Água de Melo
Sandra Couto
Sônia de Souza
Editoração
Gilson de Oliveira Filho
Capa
Magno Paganelli

H823c Horton, Michael.
O cristão e a cultura / Michael Horton; traduzido por Elizabeth Stowell
Charles Gomes. _ São Paulo: Cultura Cristã, 3ª ed. 2018
176 p.

ISBN 978-85-7622-736-6

Tradução *Where in the word is the church*

1.Escatologia 2. Estudos Bíblicos 3. Teologia reformada I. Título

CDD 261.21

A posição doutrinária da Igreja Presbiteriana do Brasil é expressa em seus “símbolos de fé”, que apresentam o modo Reformado e Presbiteriano de compreender a Escritura. São esses símbolos a *Confissão de Fé de Westminster* e seus catecismos, o *Maior* e o *Breve*. Como Editora oficial de uma denominação confessional, cuidamos para que as obras publicadas espelhem sempre essa posição. Existe a possibilidade, porém, de autores, às vezes, mencionarem ou mesmo defenderem aspectos que refletem a sua própria opinião, sem que o fato de sua publicação por esta Editora represente endosso integral, pela denominação e pela Editora, de todos os pontos de vista apresentados. A posição da denominação sobre pontos específicos porventura em debate poderá ser encontrada nos mencionados símbolos de fé.



EDITORA CULTURA CRISTÃ

Rua Miguel Teles Júnior, 394 – CEP 01540-040 – São Paulo – SP

Fones 0800-0141963 / (11) 3207-7099 – Fax (11) 3209-1255

www.editoraculturacrista.com.br – cep@cep.org.br

Superintendente: Haveraldo Ferreira Vargas

Editor: Cláudio Antônio Batista Marra

Para Gary Horton,

com gratidão, por uma vida inteira de amizade e apoio.

Sumário

Introdução	07
1. Como ser um cristão secular	11
2. Esfera de soberania: cuidar dos nossos próprios afazeres	29
3. “Vã filosofia”: uma desculpa para o anti-intelectualismo?	45
4. O cristianismo e as artes	63
5. A arte na vida do cristão	83
6. O cristianismo e a ciência moderna: não podemos ser amigos?	99
7. Trabalhar para o final de semana	119
8. Um mundo enlouquecido	141
Conclusão: no mundo, mas não do mundo	153

Introdução

Por vezes os hinos me confundem. Lembro-me de que, quando garoto, ficava confuso quando ouvia dois hinos populares que me pareciam totalmente contraditórios. O primeiro era “Aqui não é meu lar, um viajante sou”, e o outro era “O mundo é do meu Pai”. *Se o mundo é do meu Pai*, eu pensava, *porque estou só passando por ele?*

Porém, os hinos não eram a única coisa que me deixavam confuso quando se tratava da questão de relacionar-me, como cristão, com o mundo mais amplo. Esperava-se dos cristãos que eles justificassem tudo na vida pela sua utilidade espiritual ou evangelística. No melhor dos casos, a instrução, as atividades, as vocações ou as buscas “seculares” eram um mal necessário para se ganhar a vida, para poder dar o dízimo e para contribuir com missões. Na pior das hipóteses, elas faziam com que os cristãos se desviassem da vida cristã. Elas agiam como a canção de Sirene, que atraía os homens incautos para os recifes da incredulidade e do afastamento de Deus. Assim, os que queriam trabalhar nos ramos empresariais procuravam empregos em organizações e empresas cristãs. Se um jovem artista da igreja se revelasse um Rembrandt, nós o colocávamos como responsável pelos boletins e (se ele fosse realmente bom) deixávamos que pintasse o batistério. Esperava-se dos nossos cientistas que defendessem a causa do criacionismo — mesmo que a cosmologia ou as ciências biológicas e antropológicas não fossem suas especialidades. Dos músicos era esperado que eles se juntassem ao grupo de louvor (ou fizessem parte da banda) ou fizessem uma turnê pelas igrejas do país — o tamanho da igreja, é claro, dependia do grau de talento do artista. Ao longo dos anos, temos criado os nossos próprios guetos de artistas, superestrelas e apresentadores, com versões cristãs de tudo o que há no mundo.

Essas experiências, porém, não se limitam ao nosso tempo e lugar. A Renascença, e de modo especial os tempos da Reforma do século 16, foi uma reação ao modo medieval de encarar a vida. Para a Igreja medieval, a filosofia, a arte, a música e a ciência se confundiam tanto com a religião que era impossível distinguir uma da outra. A filosofia não era, na realidade, filo-

sofia: a Renascença demonstrou como a interpretação da Igreja medieval de Aristóteles e Platão (os seus favoritos) era diferente dos escritos desses filósofos. Se alguém quisesse ser artista, mais uma vez procurava-se a igreja para um emprego, pois a arte era um recurso para a pregação ou para o ensino da vida e dos tempos de Jesus e seus apóstolos. E os sofrimentos de Copérnico e Galileu nos lembram do perigo de dizer mais do que a Bíblia diz sobre teorias científicas específicas.

A pressão para justificar a arte, a ciência e a diversão em termos do seu valor espiritual ou sua utilidade evangelística acaba prejudicando tanto o dom da criação quanto o dom do evangelho

A Reforma libertou homens e mulheres cristãos para que seguissem com dignidade e respeito os seus chamados divinos no mundo, sem ter que justificar a utilidade desses chamados à igreja ou ao empreendimento missionário. A vocação era um dom da criação. Até mesmo os não cristãos, que também portam a imagem de Deus, possuem esse chamado divino. Crente e incrédulo eram considerados igualmente responsáveis por desenvolver o seu trabalho com excelência — o primeiro reconhecendo Deus como o autor e o objetivo dessa excelência, e o segundo servindo a Deus com os seus talentos, apesar da sua recusa em reconhecê-lo como o doador e o objetivo de tudo. Em contraposição à visão monástica do mundo, a Reforma defendia uma teologia que abarca o mundo, um dos fatores principais no desenvolvimento da ciência, da “Era Dourada” da arte holandesa e da literatura inglesa e escocesa, a separação entre a Igreja e a política, a difusão universal da alfabetização e da escola pública, e o clamor por liberdades civis em contraposição ao pano de fundo da tirania vigente.

É claro que nenhum movimento é perfeito — há pessoas demais parecidas conosco envolvidas! A Reforma não é exceção, com a sua parcela de erros e os disparates de homens e mulheres pecadores. Contudo, os temas bíblicos por ela recuperados trouxeram de volta ao povo de Deus um sentido de pertencer a este mundo durante o tempo que Deus nos deu, mas no sentido de *estarem* no mundo e não de serem do mundo.

A pressão para justificar a arte, a ciência e a diversão em termos do seu valor espiritual ou da sua utilidade evangelística acaba prejudicando tanto o dom da criação quanto o dom do evangelho, nesse processo desvalorizando o primeiro e distorcendo o segundo. Por exemplo, a “música cristã” é muitas vezes uma desculpa para artistas inferiores conseguirem vencer numa subcultura cristã que imita o brilho e o *glamour* do entretenimento secular, in-

clusive com suas próprias cerimônias de premiação e seu ambiente de superestrelato. Pode ser que essa não seja a intenção por parte de muitos artistas que querem contribuir para o cenário da música cristã contemporânea, mas a indústria acaba produzindo, na maioria, imitações nada criativas, repetitivas e superficiais da música popular. Produzir música em conformidade com os gostos anestesiados de uma cultura consumista já é ruim; *imitar* a arte comercializada é desperdiçar os talentos, a não ser que se esteja compondo *jingles* para o rádio e a televisão. Isso banaliza tanto a arte quanto a religião. Não quero com isso condenar todos os artistas cristãos, pois há muitos que são, tanto musical como lyricamente, sofisticados o suficiente para integrar uma compreensão séria da mensagem bíblica com um estilo musical criativo. Também não quero que sejamos pretensiosos musicais que confundem o próprio gosto com a Palavra revelada de Deus. Afinal de contas, muitas vezes “a verdade está escrita nas paredes do metrô”, o equivalente arquitetônico da música popular. Essa é uma das razões pelas quais eu aprecio a música popular de vez em quando, em parte porque é agradável e evoca lembranças de tempos passados. Porém, trata-se de uma forma inferior, comercialmente orientada (ou seja, financeiramente orientada) que se rebela contra os padrões mais altos da expressão artística.

Essas pressões, porém, para se criar versões distintamente “cristãs” de tudo no mundo (ou seja, na criação), pressupõem que exista algo essencialmente errado com a criação — e essa é uma pressuposição teológica que tem uma influência muito maior na formação das atitudes evangélicas em todas essas esferas do que geralmente se admite. Nos próximos capítulos, examinaremos essa posição básica.

Quero dizer de início que este livro não é uma análise sofisticada da base teológica da visão cristã de mundo ou da natureza da arte, da ciência, da filosofia, etc. Ele é concebido para um público geral, e especialmente para aqueles cristãos que lutam com uma subcultura que mais reprime do que incentiva os impulsos e ambições que lhes foram divinamente dados. Nesse sentido, ele é pastoral. Ele é oferecido com a esperança de que os teólogos aprendam mais a respeito de outras disciplinas, e que os cristãos nessas outras disciplinas escorem-se com mais firmeza na teologia bíblica antes de tentarem “integrar” sua fé e sua vida. Porém, a despeito da posição que esses leitores ocupem em relação a esses tópicos — seja um esteta versado ou uma mãe cristã que quer saber se a sua filha está segura em Harvard — haverá alguns desafios às noções prevaletentes no mundo evangélico e algo aqui e ali sobre o que pensar.

Para iniciar, quero definir alguns termos. Primeiro, estarei usando o termo “cultura” no seu sentido mais amplo, referindo-me tanto à cultura popular (esportes, política, ensino público, música popular e diversões, etc.) como à alta cultura (a horticultura, a literatura, as artes e a ciência, a música

clássica, a ópera, etc.). Uma definição útil e abrangente de “cultura” para a nossa discussão pode ser “a atividade humana que tem como objetivo o uso, o prazer e o enriquecimento da sociedade”. Segundo, por “igreja” estou dizendo a igreja institucional — “onde a Palavra de Deus é pregada e os sacramentos são administrados corretamente”, como diziam os reformadores. Quando, por exemplo, é dito que a Igreja não deve confundir sua missão com as esferas da política, da arte, da ciência, etc., não se está sugerindo que os cristãos como indivíduos devem abandonar esses campos (muito pelo contrário), mas que a *Igreja* como *instituição* deve observar a sua missão divinamente ordenada. Essa Igreja institucional deve ser entendida como expressão visível do corpo universal de Cristo ao longo de todos os séculos e em todos os lugares. A Igreja institucional recebeu a comissão única de pregar a Palavra e fazer discípulos. O uso que eu faço da palavra “Igreja”, portanto, não é apenas uma referência ao corpo coletivo de cristãos individuais, mas ao organismo vivo fundado por Cristo, ao qual foi confiado o seu próprio ministério pessoal.

Capítulo 1

Como ser um cristão secular

“Só quero servir ao Senhor.”

Qual é a sua primeira impressão a respeito dessa declaração? Quando uma nova crente que é advogada há 20 anos diz que resolveu “virar as costas para o mundo” e “entregar a sua vida a Jesus”, nós não presumimos automaticamente que isso vá incluir algum compromisso radical com uma nova profissão? Talvez ela passe a trabalhar num serviço de advocacia cristã ou até mesmo abandone por completo o Direito para trabalhar numa profissão ligada à igreja.

Normalmente, nós consideramos a paixão por servir ao Senhor como uma paixão por missões, evangelismo e envolvimento nas atividades e nos ministérios da igreja institucional. Porém, ao longo destes capítulos, iremos repensar essa ideia. Quero que consideremos a possibilidade de que servir ao Senhor signifique um compromisso renovado para desempenhar a função à qual fomos chamados com maior excelência, em vez de abandoná-la para seguir outro chamado.

Alguns cristãos têm dificuldade para entender a sua relação com o mundo porque percebem a terra como um reino governado por Satanás; portanto, parece que é melhor concentrar-se no evangelismo e no crescimento espiritual particular do que se envolver com uma atividade secular. Ao longo deste livro exploraremos o caráter da espiritualidade evangélica que afirme o mundo, desde a Reforma até os puritanos, bem como em algumas expressões contemporâneas. Especialmente no próximo capítulo, procuraremos também ver a importância de manter o nosso envolvimento com o mundo num equilíbrio correto.

Satanás está no controle?

“O deus deste século cegou o entendimento dos incrédulos, para que lhes não resplandeça a luz do evangelho da glória de Cristo, o qual é a imagem de Deus” (2Co 4.4).

A partir dessa passagem, muitos, ao longo dos séculos, concluíram que o mundo está sob o controle de Satanás e suas hostes. Os livros tremendamente populares de muitos “guerreiros espirituais” contemporâneos contribuíram para um dualismo cósmico entre Deus e Satanás, a luz e as trevas, o bem e o mal. Esse tem sido um aspecto recorrente do impulso gnóstico que sempre volta a aparecer, que vê este mundo como um campo de batalha cósmica entre forças espirituais cujo destino será decidido pela habilidade de seres humanos com conhecimento e destreza espiritual. Assim, o “mapeamento espiritual”, promulgado por um crescente número de missiólogos, tenta identificar as “áreas de tensão” da atividade demoníaca com o objetivo de “amarrar” os maléficos opressores da região. É claro que isso soa como algo saído de um livro medieval de superstições, mas é levado muito a sério por bom número de líderes evangélicos.

Os reformadores se alarmaram com o reavivamento, na sua época, da antiga heresia do maniqueísmo, uma forma de gnosticismo que enfatizava o dualismo entre o “deus bom” e o “deus mau”. Como ressaltou Calvino com respeito a essa passagem, “Paulo diz em outro lugar que ‘há alguns que se chamem deuses’ (1Co 8.5) e Davi declara que ‘os deuses dos povos não passam de ídolos’ [Obs.: ‘os deuses dos povos são demônios’ na versão da Bíblia que o autor está usando — N.R.] (Sl 96.5)... Quanto aos maniqueístas, esse título não sustenta mais os seus pontos de vista do que quando o diabo é chamado de príncipe deste mundo... Pois o diabo é chamado o deus deste mundo exatamente do mesmo modo que Baal é chamado o deus daqueles que o adoram ou o cão é chamado o deus do Egito”. Eles, na realidade não são deuses, mas são tratados como tais pelas imaginações obscurecidas das nações. Do mesmo modo que Lutero dizia: “O diabo é o diabo de Deus”, Calvino também argumentava que toda influência demoníaca e satânica do mal estava sob o comando soberano de Deus e está sob o controle do verdadeiro Soberano do Universo.

C. Peter Wagner relata um caso em que um missionário pentecostal distribuía folhetos. A fronteira entre o Uruguai e o Brasil passava pela rua principal dessa cidadezinha. Quando o missionário percebeu que as pessoas do lado uruguaio não aceitavam os folhetos, enquanto os brasileiros aceitavam, Deus lhe deu uma “palavra”: O “valente” estava amarrado de um lado, mas não do outro. Wagner fornece mais um exemplo:

Omar Cabrera, de Santa Fé, Argentina, é um evangelista que leva a sério a necessidade de amarrar o valente ou quebrar o poder da

hierarquia territorial. Quando vai a uma nova área, ele se fecha sozinho num quarto de hotel durante cerca de quatro ou cinco dias de jejum e oração intensos. Ele luta com as forças do inimigo até que identifique os valentes que dominam o território. Então, luta com eles e os amarra no nome do Senhor. Quando isso acontece, ele simplesmente vai para a reunião e anuncia às pessoas que elas estão libertas. Os doentes começam a ser curados e os perdidos começam a ser salvos até mesmo antes de ele pregar e orar por eles. Esse tipo de evangelismo de poder fez que o seu movimento, Visão do Futuro, crescesse de dez mil para 135.000 crentes em cinco anos.¹

Naturalmente, as Escrituras não relatam nenhum exemplo de pessoas serem salvas antes de ouvir a pregação da Palavra. Até mesmo muitos títulos de livros evangélicos populares demonstram essa fascinação pela guerra cósmica que nada tem a ver com a batalha espiritual descrita na Escritura. Na Bíblia, a batalha espiritual ocorre na terra, quando Satanás tenta confundir o crente ou diminuir nele a confiança em Cristo e na sua justiça imputada como suficiente para a salvação. Em outras palavras, é uma batalha pelos corações e pelas mentes, e tem a ver com verdade *versus* erro, fé *versus* incredulidade, crença em Cristo *versus* crença em qualquer outra coisa ou pessoa. Ela não se focaliza em “encontros de poder” e exorcismos, mas no “valente” sendo expulso por um “homem mais valente” que toma o seu lugar. Esse modismo popular tem mais afinidade com os filmes de “Guerra nas Estrelas” e é influenciado mais pelo sensacionalismo da cultura popular, com a sua atração pelo paranormal, do que por trechos claros da Escritura.

“Encontros de poder” não era exatamente o que Paulo tinha em mente ao referir-se a Satanás como “o deus deste século”. Ele não disse que um bom Deus reina no âmbito espiritual enquanto um deus mau reina nas arenas “seculares” e “mundanas”. Satanás é apenas deus deste mundo no sentido de que ele está sendo servido como se fosse Deus. Como ministro da ira, Satanás cegou os corações de judeus e gentios, mas sempre com a permissão divina, e essa permissão poderá ser retirada a qualquer momento que Deus quiser.

Não há, portanto, razão para ver este mundo como inerentemente mau, um campo de batalha pelo controle do planeta e do universo, cujo resultado é determinado pela habilidade de alquimistas espirituais em amarrar os demônios e fazer o mapeamento espiritual das regiões. Embora nós, homens e mulheres pecadores, tenhamos transformado este mundo num lugar de rebeldia, maldade e desordem, Satanás não tem a mínima chance de vitória final; ele não tem, em tempo algum, vitória sobre os propósitos de Deus e nem pode frustrar os objetivos de Deus (Dn 4.34-37). Contudo, ele é in-

¹ C. Peter Wagner, *Spiritual Power and Church Growth* (Altamonte Springs, Fla.: Strang Communications, 1986), 41-42

cansável em tentar enfraquecer a confiança do crente na graça de Deus. A resposta a isso é um entendimento mais profundo do evangelho.

***A soberania de Deus nos consola na crise
e contém o nosso orgulho no triunfo.***

A soberania de Deus não é apenas um ponto essencial da fé cristã em especial (e do teísmo em geral), mas é também imensamente prática para a nossa confiança de que Deus luta as nossas batalhas por nós; o mal nunca terá a última palavra. Na cruz, a nossa dívida não foi apenas cancelada, mas “despojando os principados e as potestades, publicamente os expôs ao desprezo, triunfando deles na cruz” (Cl 2.15). Não seria o máximo da arrogância, beirando a blasfêmia, sugerir que é a vitória do crente sobre as forças demoníacas, em vez do triunfo de Cristo de uma vez por todas, que garante a libertação das amarras de Satanás? É por meio da proclamação do evangelho, declara Paulo na sua famosa passagem sobre a batalha espiritual (Ef 6), não por assumirmos nós mesmos a tarefa de extirpar as trevas espirituais, que o Reino de Deus é divulgado e o reino de Satanás é diminuído.

Com muita frequência, as nossas causas políticas, assim como as nossas cruzadas evangélicas, tendem a ignorar essa verdade fundamental, fazendo com que, às vezes, pareça que este último movimento, mais recente e grandioso (a Direita Cristã na política, os Cumpridores de Promessa, o movimento de Sinais e Maravilhas, AD 2000 no evangelismo e missões) de nossa própria atividade e ambição frenética em projetos e empreendimentos, atinja a obra que a Escritura atribui à cruz de Cristo. Ou, por outro lado, se a pessoa errada estiver na Presidência, temos a impressão de que o universo está fora do nosso controle, como se Deus dependesse de nós e de nossas maquinarias para a realização do seu reino. Muitas vezes, os crentes mais bem-intencionados se envolvem nessas causas com as melhores das intenções, mas é grande a tentação de esquecer, quando perdemos, que Cristo ainda é Rei e que, quando ganhamos, que nós não o somos.

É claro que isso não significa que o triunfo de Cristo na cruz elimine a nossa responsabilidade de evangelizar as nações ou de ensinar-lhes a justiça, mas é afirmar que a única maneira de trazer esta vitória às nações é proclamar o que Cristo já realizou, não por nossos feitos de grandeza e glória. Pois, diferentemente dos “superapóstolos”, como Paulo se referiu aos gnósticos, nós “não nos pregamos a nós mesmos, mas a Cristo Jesus como Senhor, e a nós mesmos como vossos servos, por amor de Jesus” (2Co 4.5).

A soberania de Deus consola-nos na crise e contém o nosso orgulho no triunfo, lembrando-nos de que não somos nós que determinamos o resultado das batalhas espirituais, mas Cristo, o Rei, que luta por nós e já assegurou-nos a vitória final.